

ODS 5 – Igualdade de género

Título do conto: “Vive a tua vida”

Agrupamento de Escolas Camilo Castelo Branco – Escola EB 2,3 Júlio Brandão

Turma 6.º11

Trabalho elaborado por:

N.º 2 Ana Miguel Felgueiras Moreira Antunes

N.º 3 Beatriz Madail Fragoso

N.º 6 Diogo Barroso Costa

N.º 12 Gonçalo Rafael Ferreira da Silva

N.º 18 Pedro Oliveira Miranda Pereira

N.º 21 Tiago Miguel Carvalhal Martins

N.º 23 Vera Marques Soares

No primeiro dia de aulas, o Luís sentia-se um pouco nervoso.... Sabia que era diferente dos outros rapazes, porque se preocupava com as suas roupas e adorava vestir-se de cor-de-rosa. Mas como era um menino fiel a si mesmo, às suas ideias e aos seus gostos, pensou que não deveria ir para a escola com roupas como as dos outros colegas, azuis, cinzentas, vermelhas, só por ser o esperado.

Assim, enquanto aguardava à porta da sala de aula, sentia que todos o olhavam e sorriam, cochichando sobre a sua camisa cor-de-rosa, os seus calções azuis claros e as suas sapatilhas azuis com meias a condizer com a camisa.

Luís respirou fundo, tentou olhar de frente os colegas, mas sentia-se inseguro. Todos pareciam conhecer-se, entender-se e, afinal, ele estava ali sozinho, parecendo diferente aos olhos dos outros, até porque os seus cabelos de ouro pelo ombro, também despertavam a curiosidade. Chegou mesmo a ouvir os colegas falarem entre eles sobre o seu sexo: seria rapaz ou rapariga?

A avó, que se orgulhava de Luís pela sua generosidade e genuinidade, sempre lhe ensinara que a autenticidade vence sempre, por isso, ele nunca deveria baixar a cabeça por ser ele mesmo. E aquele menino de dez anos, muito apumadinho, olhava os outros com uma pureza verde sem igual. Os seus olhos sorriam por ele e eram tão cristalinos que pareciam dizer a todos que Luís se sentia inseguro e receoso... Porém, os colegas mostraram-se cruéis, apontando, à descarada o dedo para o rapaz, rindo e apostando, em alta voz, se era menino ou menina.

O Luís foi incapaz de reagir, mas... Inês, uma rapariga morena, alta, com uns olhos cor de azeitona, abeirou-se dos colegas e disse:

- Que se passa com vocês? Este é o primeiro dia de aulas e já estão a julgar os outros pelo aspeto? Todos nós nos conhecemos, mas este colega não conhece ninguém.

Depois, foi para junto do menino e perguntou-lhe o nome e de onde vinha. Ficou a saber que Luís mudara há pouco de país. Vivia em Los Angeles, mas os seus pais decidiram regressar às origens e lá estava ele.

Era hora de entrar na sala, pois a diretora de turma estava a chegar. Sentaram-se como quiseram, amigos com amigos, e para aquele miúdo ficou a mesa da frente mesmo junto ao professor, o lugar que nunca ninguém quer...

A diretora de turma apresentou-se: chamava-se Ariana e era a professora de Inglês. Depois, fez a chamada e pediu que cada um se apresentasse. Todos se conheciam, pois tinham frequentado a mesma escola e a mesma turma. Luís era o único que ali caíra de paraquedas e, por isso, quando chegou a sua vez, todos os olhares se voltaram para ele. Era enorme a curiosidade, porque já sabiam que era um rapaz, mas era diferente dos outros. Então, Luís disse:

- Olá! Chamo-me Luís Parreira, tenho onze anos e venho de Los Angeles.

Todos se riram ao ouvir o nome e começaram a trocar olhares. O dia continuou e, quando chegou ao fim, o rapaz tinha duas certezas: todos o olhavam com desconfiança e a menina morena, a Inês, seria alguém que lhe interessava conhecer. Ela defendeu-o sempre, mesmo sem o conhecer, conversou com ele e chamou-o para o grupo.

No final do dia, quando chegou a casa, os pais perguntaram-lhe como tinha sido o seu primeiro dia de aulas, na sua nova escola. O menino disse que foi um dia bom, ainda que um pouco difícil, pois não conhecia ninguém e todos já eram muito cúmplices. A mãe Lena, muito carinhosa, abraça o filho, beija-lhe a testa e diz:

- Tens de ter paciência, "Louis". Com o tempo farás grandes amigos. Só tens de ser tu mesmo. Com a tua simpatia e alegria todos te vão adorar.

Luís sorriu e tentou acreditar no que a mãe lhe dizia. Mas a verdade é que os dias iam passando e cada vez mais era Luís de um lado, os colegas do outro e Inês no meio. Não davam muitas hipóteses para ele mostrar quem realmente era, como a sua alegria contagiava e impregnava o ambiente... Quando interagiam com ele era para dizer:

- Ó Parreirinha, hoje não vieste com meinha cor-de-rosa? Precisas de dinheiro para ir cortar esse cabelo?

Sempre que isto acontecia, lá estava Inês, de punhos em riste a preparar-se para sovar quem fosse preciso. Sim, porque Inês, como numa tarde contara a Luís, também era vítima dos colegas. Ela apenas vestia calças, adorava o seu cabelo curto e as suas roupas largas e escuras. As sapatilhas eram sempre o último modelo das "Air Jordan's" e faziam inveja a todos os rapazes. Adorava jogar futebol e isso tornava-a numa "maria rapaz" aos olhos dos outros.

Com o tempo, a cumplicidade entre os dois foi crescendo e, à boa maneira da América, os dois passavam as tardes juntos em casa um do outro, estudando, fazendo os trabalhos de casa e partilhando histórias sobre as suas experiências de vida. Entretanto, o Natal aproximava-se e eles tinham de desenvolver um projeto humanitário: recolher brinquedos e oferecê-los aos que mais necessitavam. A turma uniu-se neste projeto, recolheu brinquedos e as diferenças pareciam ter sido esquecidas. Porém, no dia em que Luís chega à escola, com três *Nerf's*, três *barbies*,

um sem número de livros da *Disney*, roupa para bonecas, caixinhas de maquiagem e utensílios de cozinha para crianças, a verdade surgiu! Os colegas apontaram-lhe o dedo, riram muito e um até disse:

- Ó Parreirinha, estás a oferecer as tuas barbies? Não precisas! Não queremos que fiques sem os teus brinquedos favoritos.

Luís, com os olhos brilhantes das lágrimas, trincava o lábio, e desviava o olhar, para não chorar. É claro que Inês estava a ir já em sua defesa, mas um amigo exclama:

- Não venhas para cá, Inês! Sabemos que as *Nerf's* são para disfarçar!!! Não vale a pena defenderes a "Luisinha"!

Outro colega acrescenta:

- Sabemos bem que vocês passam as tardes "juntas" a brincar às bonequinhas, às cozinhas... Com aquele cabelo e roupinha cor-de-rosa só pode ser Luisinha!

Inês arfava, queria enfiar um murro na cara daquelas criaturas ignorantes, mas sentiu o braço forte de Luís a impedi-la de o fazer. Então, sem que todos esperassem, surge a diretora de turma e diz:

- Como pode ser? Vocês julgam os vossos colegas pelo que vestem? E desde quando é que há brinquedos só para meninas e brinquedos só para meninos?

Os colegas ficaram todos calados e a professora Ariana olhou para Luís e Inês e perguntou:

- Sabem o que é igualde de género?

- Eu sei, professora! – respondem Luís e Inês numa só voz.

- Como sabem? – pergunta a professora curiosa.

E o Luís responde:

- Toda a minha vida na escola foi isto, professora. Meninos e meninas a julgarem-me porque sou rapaz e gosto de usar o cabelo um pouco mais comprido e adoro cor-de-rosa.

A professora ouviu-o com um olhar ternurento e ia a falar, quando Inês diz

- Já olhou bem para mim, professora? Desde o segundo ano que os meus colegas me chamam "maria rapaz", "Inês Pedro", porque o meu cabelo é curto, jogo futebol e uso roupas largas.

Muito calma, a professora Ariana mandou todos os alunos se sentarem numa roda. Falou-lhes do que era ser tolerante, respeitar os outros, os seus gostos e as suas opiniões e disse-lhes que o trabalho de projeto era sobre o espírito natalício. Assim, se eles não respeitavam dois colegas, por terem gostos diferentes do que era esperado, em função do seu género, não tinha significado o que estavam a fazer.

Todos se olharam e o cabecilha do grupo, o Dinis, disse:

- Tem toda a razão, professora. Mas ver um menino de cabelo comprido a vestir cor-de-rosa, não é normal.

- E o que é normal? – pergunta a professora.

Dinis ia responder, mas Catarina, uma menina que também gozava Inês, porque queria ser aceite no grupo, não queria pertencer à minoria, apressou-se a dizer:

- O Dinis não queria dizer normal, queria dizer diferente. Mas tem toda a razão, professora: todos temos direito à nossa identidade.

A professora sorriu e propôs que aquele projeto fosse também sobre igualdade de género.

A turma uniu-se e o projeto foi tão maravilhoso que até as televisões foram à escola conhecer aquela turma, que compreendia e aceitava a diferença.

Para além dos meninos que necessitavam terem tido um Natal mais feliz, com brinquedos, também as minorias se sentiram lembradas e abraçadas, com as campanhas feitas. Foram muitos os "slogans" que tentavam convencer os pais de que não havia cores para meninos e cores para meninas, brinquedos para meninos e brinquedos para meninas...

E o mais curioso é que Dinis acabou por receber, da mãe, como prenda de Natal, a cozinha que tantas vezes pedira e brincou nessas férias com Luís.